

'Auriverde pendão da minha terra'

Nair Lacerda

Colaboradora

Chega o garoto e pergunta, assim de chofre: "Afinal, por que se usam bandeiras e desde quando são usadas?"

Poderíamos responder dizendo que, embora desde os primeiros anos escolares nos tivessem ensinado a desenhar o auriverde pendão da nossa terra e a cantar o salve lindo, nunca se dignaram a nos dar a menor explicação sobre o caso. Que, portanto, ele poderia chegar à idade a que chegamos sem que a ignorância de tal assunto em nada interferisse com a sua felicidade particular e a das bandeiras, em geral. Mas, quem é traça de livros não resiste, e lá deitamos sapiência para cima do pobrezinho, que jamais imaginara atrair sobre sua desprevenida e desguarnecida cabeça tamanha catadupa de informações. Na possibilidade de que outros garotos também tenham igual curiosidade, aqui vai o que dissemos ao nosso:

"Dizem que as primeiras bandeiras não passavam de molhos de feno suspensos à ponta de uma lança, quando bandos mais ou menos selvagens atacavam. Aquela era uma forma de identificação, e a evolução de tal conceito explica a bandeira como símbolo, onde quer que se encontre e seja qual for o aspecto que tome. Desde a mais remota antiguidade, o pouco estético, embora bastante sugestivo, molho de feno passou a ser substituído por retalhos de pano, que depressa eram adornados com imagens, letras e outros emblemas. Os assírios levam a fama de terem sido os primeiros a usar figuras em suas bandeiras, o que não rimava muito com as barbas beligerantes de seus guerreiros.

A Bíblia chama "dege!" à bandeira que os israelitas levavam através do deserto, mas essa bandeira veio a diferenciar-se, conforme servia à identificação das diversas tribos: havia-as com figuras de um leão, ou de um homem, ou de um touro, ou de uma águia. E grupos de família reuniam-se, também, sob a proteção de determinadas bandeiras, os chamados guiões.

Em outros povos também se manifestava a preferência pelas figuras de animais, talvez totêmicos, sendo, por exemplo, a bandeira dos etíopes guarnecida com um cão, a dos indianos com um galô, a dos tebanos, com uma fênix, a dos egípcios com um dragão, a dos coríntios com um cavalo alado, a dos atenienses com uma coruja. Os persas, entretanto, escolheram o sol — símbolo do fogo que adoravam — para enfeitar sua bandeira. O gosto pelos animais continuou com os romanos, cuja primeira bandeira tinha um lobo, depois um touro sagrado, o minotauro, em seguida um javali, a que sucedeu uma águia, mantida, essa, até o advento do monograma grego de Cristo, as letras XP encimadas por uma cruz.

Foi a Idade Média, entretanto, que assistiu a um verdadeiro florescimento de bandeiras. Eram flâmulas, estandartes, galhardetes, pavilhões, véxilos de toda a casta, marcando cavalheiros, fidalgos, altos prelados, e sublinhando distinções, situações e hierarquias.

Nas guerras, o grande momento era o da tomada da bandeira inimiga. Defender a própria bandeira, morrendo com ela quando não fosse possível salvá-la, fazia parte do código de honra dos velhos guerreiros. Aos poucos, a bandeira democratizou-se, e sociedades diversas, grêmios, guildas profissionais arvoraram também seu estandarte particular, dando cada vez mais à bandeira o caráter simbólico, representativo de uma entidade comercial ou cultural, de uma corporação religiosa — de que temos os remanescentes nos estandartes das irmandades católicas, durante as procissões — como vinha sendo de um país ou de um nome de nobreza.

Muitas vezes, chamamos a alguém "bandeira de misericórdia", sem saber que esse nome era dado à bandeira que acompanhava o préstito fúnebre com que se conduzia à forca o condenado à morte ignominiosa, em Portugal. Nos navios, há a bandeira representativa da nacionalidade a que pertence e uma multidão de flâmulas de sinalização convencional. As bandeiras podem passar, e têm passado, por muitas transformações, de acordo com as modificações do sistema político vigente.

Visitei em Filadélfia, Estado da Pensilvânia, uma casa-museu, carinhosamente conservada, ponto turístico obrigatório. Nessa casa, residiu Betty Ross, a senhora americana que passou à posteridade por ter bordado a primeira bandeira do país independente. Quem terá bordado, no Brasil, o primeiro pavilhão de nossa vida autônoma".

Depois de tudo isto, só restava ao garoto erguer, em defesa, a bandeira branca com que, em todas as línguas deste mundo, suplica-se trégua, paz. E foi o que ele fez, agitando, aflito, o lenço que tirava do bolso. Mal-agradecido.

(01/01/95)